

O ATELÊ COMO ESPAÇO DE DESCOBERTAS E EXPRESSIVIDADES NA EDUCAÇÃO INFANTIL: EXPERIMENTAÇÕES NO ATELÊ LARANJA LUZ.

Marcos Vinícius de Oliveira Correia¹

RESUMO

O presente relato de experiência aborda o uso do ateliê como espaço de aprendizagem na Escola Municipal Professora Luzinette Laporte de Carvalho, localizada em Garanhuns/PE, inspirada na abordagem pedagógica de Reggio Emilia. Fundada em 2021, em meio a pandemia da Covid-19, a escola propõe uma educação pública de qualidade, centrada na escuta, nas expressividades e no protagonismo da primeira infância. O ateliê da escola, nomeado Laranja Luz, foi criado a partir de incentivo da Lei Aldir Blanc e se consolidou como um ambiente de criação e investigação na educação infantil. Durante as vivências de colaboradores, foram observadas práticas pedagógicas que valorizam a experimentação artística e a construção coletiva do conhecimento. As atividades desenvolvidas no ateliê contribuem para o desenvolvimento da percepção visual, da imaginação, da psicomotricidade e da expressão simbólica das crianças. A proposta pedagógica da escola é fortemente influenciada por Loris Malaguzzi, idealizador da abordagem Reggio Emilia, que defende o ateliê como espaço fundamental para a aprendizagem significativa, criativa e libertadora. Além das práticas cotidianas, a escola realiza eventos culturais que ampliam as vivências infantis, os quais reforçam o compromisso da escola com uma educação sensível, inclusiva e culturalmente situada. Inspirada no livro “A Menina que falava com as coisas”, da professora Luzinette, que dá nome à escola, a prática pedagógica valoriza o diálogo com a natureza e com as múltiplas linguagens da criança. A organização do espaço escolar também reflete essa escuta: ambientes acolhedores, materiais reutilizados e projetos que fortalecem o pertencimento e os vínculos afetivos. A experiência evidencia a importância de espaços educativos que respeitem a infância e promovam uma formação docente sensível ao contexto, à diversidade e ao desenvolvimento integral das crianças.

Palavras-chave: Reggio Emilia, Educação, Primeira Infância, Ateliê, Luzinette Laporte.

INTRODUÇÃO

A infância é, por essência, um tempo de encantamento, descobertas e expressão do sensível. Nesse contexto, a escola pública brasileira é convocada a criar espaços que valorizem a criança como sujeito potente, capaz de pensar, sentir, criar e intervir no mundo. A educação infantil, etapa inicial da educação básica e estrutural da vida humana, exige práticas que respeitem a pluralidade da infância e sua capacidade criadora. Diante disso, este trabalho propõe uma reflexão sobre o uso do ateliê criativo como espaço de aprendizagem na educação infantil, com foco na experiência da Escola

¹ Pós-Graduando do Curso de Atendimento Educacional Especializado do Instituto Federal de São Paulo - IFSP, marcos.viniuscorreia@upe.br;



Municipal Luzinette Laporte, em Garanhuns/PE, tomando como referência outras instituições públicas que adotaram a abordagem como identidade pedagógica.

A Escola Municipal Professora Luzinette Laporte de Carvalho foi idealizada em 2020 e, desde a fundação, adota como princípio educacional a abordagem pedagógica de Reggio Emilia, originada na Itália no pós-Segunda Guerra Mundial, a partir do desejo das famílias de construir uma escola voltada à liberdade, criatividade e escuta das crianças. Diferentemente do contexto histórico italiano, a Escola Luzinette Laporte nasce de um movimento atual, em defesa de uma educação pública de qualidade, inspirando-se em Reggio Emilia para criar um ambiente onde o espaço é compreendido como terceiro educador e a criança é vista como cidadã desde o nascimento.

Devastada pela Segunda Guerra Mundial (1939–1945), a comuna italiana Régio da Emília encontrava-se em ruínas; surge então a necessidade de reconstruir suas esferas políticas, sociais e culturais. Um grupo de cidadãos constrói a escola “25 Aprile” com recursos obtidos pela venda de materiais bélicos, cavalos e um tanque de guerra deixados pelos alemães após a derrota do Eixo, além de tijolos de residências destruídas e areia do Rio Crostolo.

A partir da escuta sensível das infâncias e da organização de contextos que favorecem expressão, diálogo, investigação e encantamento, a escola estrutura sua prática em torno de valores como participação, cooperação, ética e estética. Um dos elementos centrais é o ateliê — entendido não apenas como espaço físico de produção artística, mas como ambiente de pesquisa e aprendizagem, onde as crianças constroem significados, exploram materiais e expressam múltiplas linguagens.

A relevância deste estudo reside na necessidade de reafirmar o direito das crianças à educação pública de qualidade, inclusiva e dialógica, onde escuta, natureza, imaginação e vínculos sejam respeitados. Em tempos de desafios sociais, econômicos e políticos que afetam diretamente as políticas públicas para a infância, é urgente destacar experiências que se contrapõem à lógica da escolarização precoce e instrumentalizada. A Escola Luzinette Laporte oferece um campo fecundo para essa reflexão.

Entretanto, emergem problemáticas quanto a políticas públicas, adaptações prediais, manutenções, fomento de materiais e profissionalização da equipe, questões que atravessam a escola. O projeto pedagógico busca aflorar potencialidades da educação infantil diante de estruturas tradicionais que engessam práticas. Assim, mesmo havendo necessidade de investimentos, o projeto apresenta possibilidades de



adaptações educacionais que profissionais podem adotar em suas realidades, tomando a Luzinette Laporte como exemplo.

A instituição foi pensada pela gestão municipal, com centralidade na Secretária de Educação Wilza Vitorino, que convida Joyce Torquato, artista visual e professora, para idealizar essa política pública. O Ateliê Laranja Luz recebeu mobiliário e materiais iniciais através de recursos doados por Joyce, precursora da abordagem na instituição. Em dezembro de 2021, submeteu projeto educacional ao edital da Lei Aldir Blanc. Assim, em 2022 o ateliê foi ganhando robustez para o ano letivo. O ambiente possui uma professora facilitadora que planeja ações considerando as contribuições dos pequenos pesquisadores. A primeira foi a professora Brunna Araújo, que assumiria a gestão mais tarde, sucedida por outras mediadoras.

A fundamentação teórica ancora-se em Paulo Freire, cuja pedagogia do diálogo sustenta a educação libertadora; Júlia Oliveira-Formosinho, que contribui para a pedagogia da infância e a escuta; Richard Louv, defensor da reconexão das crianças com a natureza; e Maria Teresa Eglér Mantoan, referência na inclusão educativa.

Ao investigar a experiência do ateliê na Escola Luzinette Laporte, busca-se compreender uma prática pedagógica específica e afirmar a potência da infância como produtora de cultura, sentidos e saberes. A pesquisa encontra justificativa em três frentes: social, política e acadêmica. Na primeira, destaca-se a urgência de qualificar práticas pedagógicas na educação infantil pública, valorizando experiências que reconhecem a criança como sujeito de direitos. Em um cenário marcado por desigualdades, é fundamental analisar experiências inovadoras que rompem com modelos escolarizantes tradicionais, reafirmando a centralidade da escuta, da arte, da natureza e do brincar.

A experiência da Escola Luzinette Laporte representa uma iniciativa importante no agreste pernambucano ao promover uma educação pública sensível, estética, democrática e conectada às múltiplas linguagens infantis. Ao eleger o ateliê como espaço de aprendizagem, a escola fortalece a ideia de que crianças têm direito a contextos pedagógicos ricos, nos quais possam explorar materiais, expressar ideias, investigar e construir conhecimento de forma colaborativa. Essa proposta enfrenta práticas tradicionais e se articula às diretrizes curriculares nacionais e aos marcos legais de uma educação de qualidade, equitativa e integral.



Ao investigar uma escola pública municipal que adota a abordagem Reggio Emilia, o estudo reafirma o papel do Estado na garantia de uma educação que respeite as infâncias em sua diversidade e criatividade. Num cenário de desmontes de políticas educacionais e desvalorização docente, é urgente dar visibilidade a experiências que resistem e propõem novas formas de fazer escola.

Em tempos de ataques à escola pública e à liberdade pedagógica, estudar práticas como a da Escola Luzinette Laporte é um ato político e ético. A instituição representa um território de reinvenção pedagógica, rompendo com modelos escolarizantes e reforçando a centralidade das crianças como protagonistas do processo educativo. Ao destacar o ateliê como espaço político de criação e aprendizagem, a investigação fortalece práticas comprometidas com a justiça social e a formação de sujeitos críticos.

Do ponto de vista acadêmico, esta pesquisa insere-se no campo da educação infantil, com ênfase em práticas inovadoras, ambientes educativos e formação docente. Dialoga com a produção sobre Reggio Emilia no Brasil, buscando compreender como princípios como escuta, documentação pedagógica, participação e ambiente como terceiro educador vêm sendo apropriados e ressignificados em contextos públicos. Ainda que essa abordagem venha ganhando espaço, são poucos os estudos que analisam sua implementação em escolas públicas fora dos grandes centros. Ao tomar como objeto a experiência da Luzinette Laporte, esta pesquisa amplia o repertório de investigações sobre a viabilidade, os desafios e as singularidades de práticas inspiradas em Reggio Emilia. Trata-se, portanto, de um esforço analítico e crítico que contribui para o campo da educação infantil com base em uma perspectiva ética, estética, política e formativa.

METODOLOGIA



Esta pesquisa se inscreve no campo das abordagens qualitativas, cuja essência está em compreender os sentidos que os sujeitos atribuem às suas experiências, trajetórias e modos de ser e estar no mundo. Buscou-se, com delicadeza e escuta atenta, compreender como o ateliê se constitui como um espaço de aprendizagem na Educação Infantil, a partir das vivências concretas da Escola Municipal Luzinette Laporte, localizada em Garanhuns/PE.

Inspirada por uma perspectiva sensível, compreende-se que educar não é apenas transmitir conteúdos, mas abrir-se ao outro com respeito, diálogo e afeto. Por isso, a pesquisa foi conduzida com base em um estudo de caso, tal como compreendido por Yin (2001), que reconhece o valor da singularidade e da complexidade dos contextos educacionais, como também a investigação empírica, que examina um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto real, abordada pelo autor. Neste caso, o estudo não pretendeu generalizar, mas sim aprofundar-se na experiência concreta de uma escola que escolhe, a cada dia, sustentar uma educação que escuta, acolhe e respeita a criança em sua inteireza.

A construção dos dados ocorreu por meio de observações participantes das conversas que buscaram captar as percepções dos sujeitos sobre a presença do ateliê no cotidiano da escola, e sobre como essa proposta dialoga com a abordagem Reggio Emilia e com os direitos das crianças à expressão, à beleza, à imaginação e à criação.

A escuta das crianças foi realizada com cuidado ético e sensível. Pretendendo acompanhar suas expressões, falas espontâneas, gestos, olhares e produções, e compreendendo que, como aponta a abordagem Reggio Emilia, “a criança possui cem linguagens” (MALAGUZZI, 1999) e que todas elas devem ser legitimadas como formas válidas de comunicação e pensamento, utilizaremos dessas interações e observações para analisar como a aproximação com as artes, com um ambiente acolhedor e com a natureza modifica a construção identitária e a concepção de mundo dessas crianças.

A análise dos dados foi orientada pela análise de conteúdo (BARDIN, 2011), compreendida aqui não como uma técnica rígida, mas como um processo longo e manual de escuta e interpretação dos sentidos tecidos ao longo da pesquisa. As categorias foram construídas à luz das experiências observadas, nas falas dos participantes e das contribuições teóricas que sustentam este trabalho.

Todos os princípios éticos serão seguidos com rigor e empatia, conforme estabelecido pela Resolução nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde. A identidade dos participantes foi preservada e todo o processo será conduzido com transparência,



respeito e profundo compromisso com os sujeitos e os territórios envolvidos. Entende-se que pesquisar na educação é, antes de tudo, um gesto de cuidado.

REFERENCIAL TEÓRICO

A construção de um ambiente educativo sensível às necessidades, potencialidades e expressividades das crianças tem ganhado força nas últimas décadas, especialmente com os aportes da abordagem de Reggio Emilia. Essa perspectiva compreende a escola como um espaço que valoriza a escuta, a estética e a participação ativa dos sujeitos, sendo o ambiente um elemento central no processo de aprendizagem. Essa concepção foi amplamente difundida por Loris Malaguzzi e aprofundada por estudiosos como Lella Gandini e Paulo Fochi.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), em seu artigo 29, estabelece que “a educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança até os seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. Essa diretriz sinaliza uma mudança importante de paradigma ao reconhecer a criança não como um ser em falta, mas como um sujeito potente, que constrói sentidos a partir de suas experiências. Para Fochi (2019), “a criança é vista como sujeito de direitos, que participa, se expressa e se comunica por meio de múltiplas linguagens e que tem voz ativa nos processos que dizem respeito a sua vida”. Essa perspectiva se aproxima da abordagem de Reggio Emilia, que vê a criança como protagonista do seu aprendizado, dotada de capacidades investigativas e criativas. Da mesma forma, Formosinho (2016) defende que “uma pedagogia da infância deve reconhecer a criança como cidadã desde o nascimento, atribuindo-lhe lugar de participação e escuta ativa nos espaços educativos”. Nesse cenário, a escola deixa de ser um lugar de reprodução de conteúdos e se transforma em um território de experiências, escuta e construção coletiva de saberes, onde o ateliê surge como espaço simbólico e concreto dessa pedagogia que valoriza o protagonismo infantil.

A ideia do ambiente como terceiro educador, consolidada na pedagogia de Reggio Emilia, propõe que o espaço escolar não deve ser apenas um suporte físico, mas sim um elemento que interage pedagogicamente com as crianças e os educadores. Lella Gandini, ao refletir sobre essa concepção, afirma que:



“Para agir como educador da criança, o ambiente precisa ser flexível: deve sofrer modificações frequentes feitas pelas crianças e pelos professores para que permaneça atual e responsivo às suas necessidades de serem protagonistas na construção do conhecimento.”
(Gandini, 1998, tradução livre).

Dessa forma, o ambiente é compreendido como algo vivo, que se constrói e se modifica junto aos sujeitos que o habitam, favorecendo o protagonismo infantil e o diálogo entre as múltiplas linguagens da criança.

Na mesma corrente de pensamento, Paulo Fochi destaca que a escuta atenta da criança e dos processos de aprendizagem se materializa por meio da documentação pedagógica, prática essencial na abordagem de Reggio Emilia e que tem sido introduzida de forma crítica e contextualizada na realidade brasileira. Segundo o autor:

“A documentação pedagógica é uma estratégia que ajuda o professor a construir um conhecimento pedagógico e a narrar sobre as aprendizagens das crianças. O conceito da pluralidade de linguagens está diretamente vinculado ao conceito de documentação pedagógica.” (Fochi, 2019).

A documentação, portanto, permite visibilizar os processos infantis de aprendizagem, ao mesmo tempo em que provoca a reflexão dos educadores sobre suas práticas. Ela se torna, assim, uma ferramenta de formação contínua, possibilitando um movimento constante de escuta, análise e replanejamento das experiências pedagógicas.

A esse respeito, Fochi aprofunda sua análise em sua tese intitulada “*A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil (OBECI)*”. Nela, o autor afirma que:

“A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico focaliza-se na investigação da vida cotidiana institucional, revelando o papel da criança no cotidiano da escola e reposicionando o professor em sua prática.” (Fochi, 2019).

Esse conhecimento praxiológico é aquele que se forma na e pela prática, com base na experiência, na reflexão e na coletividade. Ele reposiciona o professor como pesquisador de seu próprio cotidiano, tornando a documentação um dispositivo formativo, um instrumento para sua atuação. Dentro dessa proposta, o ateliê surge não apenas como um espaço físico, mas como uma cultura pedagógica. Trata-se de um ambiente onde as crianças se expressam por meio de múltiplas materialidades, estabelecendo relações criativas, investigativas e sensoriais com o mundo. Para Fochi:



“A cultura do ateliê ganhou destaque: investir em situações de aprendizagem nas quais as diversas materialidades são vistas como linguagens para que as crianças se expressem e construam conhecimento.” (Fochi, 2020).

Essa perspectiva está diretamente ligada às cem linguagens da criança de Malaguzzi, as quais representam a multiplicidade de modos com que os pequenos brincantes exploram, expressam e significam suas experiências no mundo.

A pesquisadora Júlia Oliveira-Formosinho, por sua vez, contribui com a noção de pedagogia participativa, reconhecendo a criança como sujeito de direitos, curiosa, potente e capaz. Para ela: “O espaço pedagógico deve ser um território organizado para a aprendizagem, aberto às vivências e interesses das crianças, plural e diverso, no qual o adulto é parceiro e co-construtor.” (Formosinho, 2016). Essa ideia dialoga diretamente com o entendimento de que a escola deve favorecer a participação das crianças, promovendo escuta, liberdade e respeito às suas culturas, afetos e tempos.

Em consonância, Maria Teresa Eglér Mantoan enfatiza a importância da educação inclusiva como prática democrática e transformadora. Segundo a autora, incluir é compreender a diversidade como parte essencial da condição humana. Assim, práticas pedagógicas sensíveis à escuta e ao respeito às diferenças devem ser organizadas desde a arquitetura dos espaços até as interações cotidianas.

Outro aporte fundamental vem de Richard Louv, autor que problematiza a crescente distância das crianças em relação ao mundo natural. Ao cunhar o termo *transtorno do déficit de natureza*, Louv alerta para a necessidade de reconectar as infâncias com ambientes naturais como forma de desenvolver bem-estar físico, emocional e cognitivo. Ele afirma que: “A natureza não é um luxo, é uma necessidade essencial para a saúde das crianças.” (Louv, 2008). Essas reflexões ampliam o entendimento do ambiente como educador, inserindo nele também o contato com elementos naturais, que alimentam a imaginação, a sensorialidade e a curiosidade infantil.

A abordagem aqui explicitada está em constante consonância à perspectiva dos saberes indígenas, os quais estão intrinsecamente conectados à natureza, que não é apenas pano de fundo para o desenvolvimento, mas parte essencial do processo da formação humana dos povos originários. O escritor e educador indígena Daniel Munduruku ressalta que, para os povos indígenas, “a natureza é nossa escola, nossa



mãe, nosso templo. Aprendemos com o rio que corre, com o vento que sopra, com o animal que caminha. Tudo ensina. Basta estar disponível para escutar” (MUNDURUKU, 2017, p. 42). Essa visão amplia a compreensão de infância como uma etapa em que o vínculo com os elementos naturais deve ser incentivado e respeitado, pois é por meio dessa escuta sensível que a criança se reconhece como parte do mundo e não como alguém separado dele. A pedagogia do ateliê, nesse sentido, encontra ressonância nos saberes indígenas ao propor uma educação que valoriza o contato com o ambiente natural, a curiosidade investigativa e o aprendizado pela experiência viva. Algo que é cotidianamente incorporado na rotina escolar da Luzinette Laporte, uma vez que diariamente a temática é experienciada no ateliê e em suas salas referência.

A partir dessa perspectiva, Reggio Emilia e, conseqüentemente, a instituição estudada encontram na natureza a sua maior aliada e a maior fonte de inspiração que guiará os saberes pedagógicos. Reconhecer a natureza como um território de experiências sensíveis e de saberes múltiplos, não apenas como recurso didático ou objeto de estudo, mas como parte do próprio sujeito em formação é indispensável ao pensarmos uma educação qualitativa e crítica. Para Léa Tiriba (2012), “as infâncias precisam ser vividas com a terra, com o vento, com os rios, com as árvores, com os animais... Infâncias que sejam capazes de aprender a sentir-se parte de um planeta vivo” (p. 94). A autora convoca educadores e instituições a romperem com a lógica da separação entre o humano e o ambiente, propondo experiências educativas enraizadas na escuta, no corpo, no chão e no pertencimento ecológico. A escola deve acolher essas relações vivas, promovendo o (re)encontro da criança com o mundo natural por meio da expressão estética, da curiosidade e da escuta ativa, integrando assim os ensinamentos indígenas, como os de Munduruku, e as pedagogias contemporâneas comprometidas com a sustentabilidade da vida. Devolver às crianças o que lhes foi tirado: as infâncias da terra!

Assim, percebe-se que a construção de um projeto pedagógico que incorpora o ateliê como espaço de investigação, o ambiente como educador e a documentação como prática reflexiva, está alicerçada em princípios como escuta, estética, inclusão e, principalmente, democracia, uma vez que pensar uma educação pública de qualidade evidencia o teor político da ação. A partir desses referenciais, torna-se possível compreender o ateliê não apenas como um espaço físico, mas como um modo de existir



pedagogicamente, em que as crianças são autoras de suas experiências e os professores, mediadores atentos, pesquisadores e narradores desses processos.

Essa perspectiva será fundamental para analisar como a Escola Municipal Luzinette Laporte constrói seu projeto educativo a partir da inspiração de Reggio Emilia, sobretudo no uso do ateliê como dispositivo de aprendizagem criativa e significativa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O papel do ateliê no desenvolvimento das crianças é atribuído à uma educação expressiva e desafiadora, onde a partir dos rabiscos, é possível explorar e favorecer os pensamentos criativos das crianças. Com o passar do tempo, Malaguzzi aprofundou suas observações acerca do ateliê e de como influenciava no desenvolvimento na primeira infância. Assim, com a construção dos ateliês nas escolas foi observado um espaço transformador e capaz de gerar muita curiosidade, imaginação e escuta, onde as crianças podem se expressar tanto com linguagens verbais quanto não verbais. (MALAGUZZI apud EDWARDS, 2016)

Os ateliês são pensados como espaços que valorizam a ludicidade, sendo uma proposta projetada em um lugar fechado ou aberto, o importante e necessário é um ambiente educativo artístico e inclusivo. Assim, as crianças possuem um espaço mais apropriado para participar das atividades propostas. Portanto, Malaguzzi (2016, p. 67) traz que:

O projeto educacional da primeira infância articula o ateliê como um espaço rico de materiais, ferramentas, diálogo produtivo, provocativo, alegre, que cria e desenvolve um aprendizado intenso e libertador, no sentido de que o educando seja protagonista do processo de aprender.

Assim, alinhando com Malaguzzi e com a abordagem Reggio Emilia, a professora Atelierista do Laranja Luz busca a partir de experimentações com xilogravuras, pigmentos naturais e desenhos de observação, deixar um ambiente mais lúdico e mais acolhedor, despertando o aprender e o cuidar nas crianças, fazendo com que crie um hábito de partilha e escuta, assim transformando o processo de aprendizagem.

Entendendo que o espaço escolar também é importante para o desenvolvimento da criança, são tomadas iniciativas para que todo o corpo educacional esteja em pleno



convívio. Unindo-se ao proposto por Malaguzzi, o Ateliê está localizado no centro do ambiente escolar, tendo a sua volta às salas de referência, onde as crianças são agrupadas pela faixa etária e acompanhadas por uma educadora. Um olhar cuidadoso e responsável também é dado para a ambientação das salas e das partes da escola, priorizando o uso de materiais recicláveis, os quais ganham novas roupagens, indo contra o percurso habitual que seria o lixo. A construção conjunta, entre crianças e colaboradores, e consciente do espaço escolar ocasiona uma melhor interação entre as partes, desenvolvem-se habilidades e aflora-se o sentimento de pertencimento ao local.

Atualmente, a escola conta com 162 crianças matriculadas, em sua maioria, oriundas da comunidade que cerca a escola, dos 3 aos 5 anos de idade. São divididas em 4 turmas matutinas e 4 turmas vespertinas, as quais são referenciadas pelos elementos da natureza resgatados da obra de Luzinette, "*A menina que falava com as coisas*", sendo as salas de referência acompanhadas pelas professoras e pelos apoios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É direito primário de todo ser humano ter acesso à educação, e com a abordagem Reggio Emilia a escola possui um ambiente educador com aprendizagem baseada no interesse da criança, na pedagogia da escuta e no protagonismo infantil. Podendo ter a experiência de passar por todas as turmas das salas de referência, percebemos como cada sala é única e possui singularidades, pois cada criança irá trazer sua importância e uma dinâmica diferente à sala de aula, sendo pelas personalidades, pela educação ou pelo meio sociocultural em que vive, sendo assim, é importante a nossa prática na escola para que possamos ter uma formação docente qualificada..

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. 3. ed. São Paulo: Edições 70, 2011.

BRASIL. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016. *Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos*. Diário Oficial da União, Brasília, 2016. Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2016/Reso510.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2025.



BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. *Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional*. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 17 jul. 2025.

FOCHI, Paulo. *A documentação pedagógica como estratégia para a construção do conhecimento praxiológico: o caso do Observatório da Cultura Infantil (OBECI)*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2019.

FOCHI, Paulo. *A escuta como orientação e atitude ética na abordagem de Reggio Emilia*. Palestra ministrada na Jornada Pedagógica do Instituto Casa do Todos, 2020.

FORMOSINHO, Júlia Oliveira. *A qualidade em educação de infância: um percurso de investigação e de compromisso*. Porto: Porto Editora, 2016.

GANDINI, Lella. *Education and Caring Spaces*. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). *The Hundred Languages of Children: The Reggio Emilia Experience in Transformation*. 2. ed. Norwood: Ablex, 1998. p. 161–178.

LOUV, Richard. *Last child in the woods: saving our children from nature-deficit disorder*. Chapel Hill: Algonquin Books, 2008.

MALAGUZZI, Loris. *No way. The hundred is there*. In: EDWARDS, Carolyn; GANDINI, Lella; FORMAN, George (org.). *The Hundred Languages of Children: The Reggio Emilia Experience in Transformation*. 2. ed. Norwood: Ablex, 1998. p. 3–20.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. *Educação inclusiva: em construção*. Brasília: MEC, SEESP, 2003.

MUNDURUKU, Daniel. *Histórias que eu ouvi e gosto de contar*. 2. ed. São Paulo: Global Editora, 2017.

RINALDI, Carla. *Diálogos com Reggio Emilia: escutar, investigar e aprender*. São Paulo: Paz e Terra, 2012.

TIRIBA, Léa. *Educar e cuidar com a natureza: infância, educação e sustentabilidade da vida*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2012.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

